

O Popular e Folha de Goiás: o sucesso na produção de hegemonia e as contribuições para a formação de uma sociedade civil em Goiás (1930-1960)

DARLOS FERNANDES NASCIMENTO*

Resumo

O objetivo desse artigo é realizar um breve histórico de atuação dos periódicos *O Popular* e *Folha de Goiás* entre as décadas de 1930 e 1960, revelando suas alianças políticas, analisando os fatores que levaram à ascensão e a permanência dos mesmos no papel de maiores produtores de hegemonia entre os periódicos goianos e compreendendo as consequências desse sucesso para a consolidação de uma *sociedade civil* em Goiás.

Palavras-chave: hegemonia; sociedade civil; *O Popular*; *Folha de Goiás*.

O Popular and Folha de Goiás: the success in the production of hegemony and the contributions to the formation of a civil society in Goiás (1930-1960)

Abstract

The objective of this article is to present a brief history of the periodicals *O Popular* and *Folha de Goiás* between the 1930s and 1960s, revealing their political alliances, analyzing the factors that led to their rise and permanence in the role of major producers of hegemony among the Goiás journals and understanding the consequences of this success for the consolidation of a civil society in Goiás.

Key words: hegemony; civil society; *O Popular*; *Folha de Goiás*.



* **DARLOS FERNANDES NASCIMENTO** é doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Goiás (UFG) e professor da rede estadual de ensino do Estado de Goiás.



Introdução

Os periódicos analisados, ao serem reconhecidos como intérpretes por excelência da realidade cotidiana, produziram memórias que transitaram entre os grupos políticos goianos. A esse respeito, convém ressaltar que a memória não é “do” grupo, entidade sem qualquer base orgânica; mas há uma memória “no” grupo, tal como nos esclarece Aleida Assmann (2011). Por sua vez, essa memória coletiva não é constituída por uma alma coletiva ou espírito coletivo; no entanto, consiste, tão somente, na sociedade com seus signos e símbolos; compartilhados, muitas vezes, até entre indivíduos que não se conhecem, mas que estão vinculados pela coexistência espaço-temporal (NORA, 1993).

O propósito deste artigo não é o de utilizar esses periódicos apenas como fontes, a fim de contar a história da sociedade que os circunscreveram; mas de pensar suas fundações e suas publicações como acontecimentos e, deste modo, conectá-los a partir de determinadas “condições necessárias”; buscando “reconstituir e explicar” a atividade periodicista e suas implicações políticas em Goiás (WALSH, 1978: 194-195). É oportuno salientar que esses acontecimentos, da forma como foram usados neste artigo, serão analisados sob a perspectiva do historiador alemão Reinhart Koselleck (2006), na medida em que o autor enfatiza que acontecimentos podem ser narrados, enquanto que as estruturas só podem ser descritas. No entanto, “na prática, o limite entre a narração e a descrição não

podem ser mantidos; já na teoria dos tempos históricos, os níveis que abrigam as diferentes extensões temporais não se interpenetram completamente”. Ademais, para o autor, acontecimento também não é sinônimo de eventos, os quais “são isolados ex post da infinidade dos acontecimentos, ou para usar uma linguagem burocrática, são retirados dos arquivos, podem ser experimentados pelos próprios contemporâneos como um conjunto de fatos, como uma unidade de sentido que pode ser narrada” (KOSELLECK, 2006: 133).

Meu interesse não se encontra na avaliação da capacidade ou da honestidade desses periódicos no papel de transmissores de informações; submetendo-os à verificação dos seus “enunciados constatativos”, os quais constituem-se na utilização de uma “sentença para afirmar ou negar algo, podendo ser verdadeira ou falsa” (AUSTIN, 1990: 21). Concentro-me sim na investigação do sucesso dos “enunciados performativos” proferidos em suas matérias; os quais, “por dizermos ou ao dizermos algo, estamos fazendo algo” (AUSTIN, 1990: 29). Tratam-se de “atos locucionários”, porquanto “dizem algo”; de “atos ilocucionários”, pois realizam-se “na linguagem”; e de “atos perlocucionários”, uma vez que se efetivam “pela linguagem” (AUSTIN, 1990: 85-94).

Ora, é justamente pelo fato de dizerem e realizarem algo que os periódicos podem atuar na esfera político-ideológica, no intuito de convencer e mobilizar os leitores, e econômico-financeira, visando ao aumento das vendas de seus respectivos exemplares (GRAMSCI, 2000). Nesse sentido, os periódicos buscam satisfazer, criar e desenvolver as necessidades dos seus leitores, sem, no entanto, deixarem de favorecer a classe à

qual pertencem os seus proprietários (GRAMSCI, 2000).

O desenvolvimento da mídia empresarial e a profissionalização da atividade jornalística ao longo do século XX no Brasil fomentou debates que distinguem jornalismo partidário de jornalismo profissional, a partir da noção de imparcialidade, reconhecendo a promiscuidade política (SODRÉ, 1977); porém, subordinando-a a uma espécie de processo de institucionalização transcendental da imprensa (RIBEIRO, 1998). Embora existam trabalhos de fôlego que debatam esse tema a nível nacional, como a tese de doutorado intitulada *Com a corrente: modernidade, democracia e seus sentidos no jornalismo brasileiro dos anos 1950*, de Flávia Biroli, e o livro intitulado *Imprensa e História do Brasil*, de Maria Helena Capelato; em Goiás, apenas o livro *Mobilidade discursiva*, de Cristiano Pereira Alencar Arrais, apresenta os resultados de uma pesquisa acadêmico-científica que tem como foco as atuações políticas da imprensa goiana. Seu recorte temporal compreende as décadas de 1920 e 1930, sem entrar, todavia, no Estado Novo, período no qual minha pesquisa se inicia.

1. O nascimento

O Popular e Folha de Goiaz nasceram com poucos recursos, cresceram vertiginosamente durante o Estado Novo e se mantiveram, por décadas, entre os periódicos que possuíam as maiores tiragens de Goiás. Diante disso, cabe a pergunta: por que esses dois periódicos tiveram êxito e não tantos outros que existiram na mesma época? Para responder a essa pergunta, faremos, primeiramente, uma breve contextualização dos períodos de atuação desses dois periódicos: Estado

Novo e o período republicano compreendido entre 1945 e 1964.

1.1. Ludovico

Político “marginal” durante a Primeira República, Pedro Ludovico conquistou prestígio com sua atuação junto ao movimento outubrista, compondo a Junta Governativa ao lado de nomes como Mário D’Alencastro Caiado¹ e Domingos Neto Vellasco² (SOUZA, 1976). Joaquim Rosa (1980) afirma que “o mundo goiano passou a girar em torno de Pedro Ludovico Teixeira”, após o nome de Mário Caiado – então principal figura da oposição à oligarquia da família Caiado antes de 1930 – ter sido rejeitado pelos líderes nacionais do movimento outubrista para assumir a interventoria federal em Goiás graças ao seu sobrenome (ROSA, 1980: 110).

Ao longo de doze anos como interventor e três como governador eleito indiretamente e contando com a maioria da Assembleia Legislativa Estadual, Ludovico, de acordo com Francisco Itami Campos (2009), ao contrário do

que alegava em seus discursos, não privilegiou o desenvolvimento do setor industrial, não implementou as reformas estruturais a fim de resolver os problemas sociais que tanto criticara e não rompeu com a tradição oligárquica da Primeira República em sua forma de governar. Manteve-se no poder pela sua habilidade com o jogo político, de modo que, inicialmente, dispoñdo de projeção apenas no sudoeste goiano, buscou o apoio de grupos oposicionistas locais pré-1930 através da nomeação de seus respectivos representantes para ocupar as interventorias municipais e reduziu o poder de lideranças do movimento trintista que ameaçavam seu posto (CAMPOS, 2009).

Ademais, com a construção de Goiânia e a mudança da capital, que se deu de forma autoritária e violenta, mesmo durante o período dito democrático (1934-1937), Ludovico desarticulou os caiadistas e seus correligionários e aumentou exponencialmente seu prestígio, transformando sua façanha em símbolo do progresso que marcou a imagem de sua administração (MENDONÇA, 2013). Essas conquistas o colocaram como o nome mais forte para assumir a interventoria federal a partir da instauração do Estado Novo.

1.2. O Popular

Encarregado pela propaganda sobre as possibilidades de investimento no Estado de Goiás e, principalmente, em sua recém-inaugurada capital, Joaquim Câmara Filho, diretor do Departamento de Propaganda e Expansão Econômica (DPEE), decide criar um periódico no início de 1938. Por um lado, Ludovico poderia se beneficiar com mais um veículo de comunicação em massa que, legitimado por sua posição não oficial relacionada à sua condição de periódico-empresa, desenvolveria sistemática

¹ Em 1907, fundou o Partido Republicano (PR) de Goiás e seu periódico oficial *Voz do Povo*, através do qual passou a fazer oposição ao governo dominado por sua família durante a Primeira República. Em 1908, foi nomeado juiz. Secretário do Interior e Secretário Geral de Estado durante o Governo Provisório (1930-1934). Eleito deputado federal em 1933 e senador em 1935 (FREITAS, 2009).

² Oficial do Exército Brasileiro, participou do Movimento Tenentista. Nomeado Secretário de Segurança Pública de Goiás durante o Governo Provisório (1930-1934) e eleito deputado constituinte em 1933 e deputado federal em 1934. Pertenceu ao movimento trintista e rompeu com Vargas ao longo da década de 1930, sendo preso em 23 de março de 1936, antes mesmo de se instaurar o Estado Novo, acusado de conspirar um golpe comunista. Fundou a ala Esquerda Democrática da UDN em 1945 e o Partido Socialista Brasileiro (PSB) em 1947, pelo qual foi deputado federal e senador (CONTART, 1995).

propaganda das realizações de sua interventoria. Por outro, Câmara Filho poderia conquistar prestígio político com o sucesso dessa propaganda e com o crescimento de vendas do seu periódico (ASMAR, 1989).

Para tanto, dispõe de recursos materiais provenientes da *J. Câmara & Irmãos*, na qual era sócio proprietário ao lado dos irmãos Vicente Rebouças Câmara e Jaime Câmara, sócio majoritário. Com poucos meses de funcionamento na nova capital, a empresa se situava em um prédio na Avenida Anhanguera que abrigava seu escritório administrativo, a *Papelaria e Livraria Popular* e a *Tipografia Popular*, composta por máquinas rodadas à mão que produziam uma linha em cinco minutos cada e até mil jornais por hora juntas (ASSOCIAÇÃO GOIANA DE IMPRENSA, 1980).

A cobertura favorável à interventoria ludoviquista por parte de *O Popular* ainda rendeu a Câmara Filho grande prestígio junto a Ludovico, que o nomeia ao cargo de diretor do recém-criado Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) em 1942 e ao cargo de prefeito de Anápolis, o qual desempenhou entre 1943 e 1945 (ASMAR, 1989). Sendo assim, o periódico também serviu para que Câmara Filho propagandeasse – de forma mais contida – suas realizações à frente da prefeitura anapolina (*O Popular*, 28 de setembro de 1944).

1.3. Folha de Goiás

Já o *Folha de Goiás* foi fundado em 2 de julho de 1939 pelos jovens Gerson de Castro Costa, Waldemar Gomes de Melo e Edson Hermano de Brito, que resolveram atender ao apelo do interventor Pedro Ludovico e se arriscar na incipiente capital estadual. Seu expediente era composto por Gerson na

direção, Waldemar na gerência e Edson na chefia de redação e sua redação e oficina situava-se, primeiramente, na Avenida 24 de Outubro, em Campinas. Nesse período, o periódico era composto e impresso manualmente, em maquinário adquirido do político anapolino José Lourenço Dias, então proprietário do hebdomadário *Voz do Sul*, e publicado aos domingos (ASSOCIAÇÃO GOIANA DE IMPRENSA, 1980).

Nessa época, ainda com 22 anos de idade, Castro Costa já possuía sólida experiência no jornalismo; uma vez que havia colaborado nos periódicos vilaboenses *A Razão*, de Jaime Câmara, e *A Coligação*, de Alfredo Nasser, no diário carioca *Correio da Manhã*, que dispunha em sua chefia de redação do jornalista Costa Rego, e fundado, no dia 13 de maio de 1934, o periódico *O Lyceu*, órgão estudantil do Liceu de Goiás (ASSOCIAÇÃO GOIANA DE IMPRENSA, 1980). Castro Costa, por sua vez, foi premiado com o cargo de Diretor Geral do Departamento Estadual de Cultura de Goiás e assessor de Ludovico em sua campanha ao senado federal em 1945 (*O Popular*, 9 de setembro de 1945).

2. A política em Goiás

Com o processo de redemocratização iniciado em 1945, entre as dezenas de partidos nacionais, os poucos que penetraram em Goiás, à exceção do Partido Social Democrático (PSD) e da União Democrática Nacional (UDN), fundaram seus diretórios com relativo atraso. Todavia, a exemplo da dinâmica político-partidária nacional, polarizada entre getulistas e anti-getulistas, em Goiás as disputas foram canalizadas na rivalidade entre ludoviquistas e anti-ludoviquistas. Embora as dissidências partidárias tivessem criado até quatro frentes simultâneas, com a aproximação

das eleições, as mesmas se reconfiguravam em torno das duas maiores forças político-partidárias goianas.

2.1 O jogo político-partidário

A manutenção do ludoviquismo no poder e a intensa reordenação no quadro de membros dos partidos – verificada num histórico de variadas cisões e alianças motivadas por disputas por poder e justificadas pelos atores políticos por questões de ordem moral – configuram-se nas principais características da dinâmica político-partidária desse período em Goiás. Além de ser eleito senador duas vezes e governador com uma ampla margem de votos, Pedro Ludovico lançou as candidaturas vitoriosas de Juca Ludovico, seu primo, de José Feliciano e de Mauro Borges, seu filho, ao executivo estadual. Até mesmo no único pleito perdido – devido à uma grande dissidência dentro do PSD goiano – obteve maioria na Assembleia Legislativa, o que dificultou a governabilidade de seus opositores.

Do outro lado, durante quase duas décadas, a UDN goiana, com o seu “personalismo descentralizado” (FERNANDES, 2002: 36), não conseguiu se desvencilhar dos fatores que condicionaram sua fundação em 1945, tais como a construção de sua identidade através do anti-ludoviquismo e sua função de receptáculo dos adversários e desafetos de Pedro Ludovico. Esse fenômeno explica, por exemplo, o lançamento da candidatura de quatro ex-adversários ao executivo estadual em detrimento de nomes consagrados e com uma sólida trajetória no partido, como os de Domingos

Velasco, Jalles Machado³, Alfredo Nasser⁴ e Emival Caiado⁵.

2.2. O jogo midiático-partidário

Em 1946, Câmara Filho rompe com Pedro Ludovico e se alia à UDN, de modo que *O Popular* teve papel fundamental na derrota ludoviquista nas eleições estaduais de 1947. Esse resultado forçou o ludoviquista Castro Costa, que já havia vendido a *Folha de Goiás* para os *Diários Associados*, a sair de sua diretoria, pois a determinação de Assis Chateaubriand⁶ era apoiar sempre quem estivesse no poder. Em 1949, Câmara Filho volta a se aliar a Pedro Ludovico, contribuindo para a sua campanha através das páginas de *O*

³ Formado em engenharia, foi nomeado Secretário de Viação e Obras Públicas do Estado em 1929. Um dos fundadores e chefes da UDN, foi eleito deputado federal pelo partido em 1945, 1950 e 1962. Pai de Otávio Lage, governador de Goiás entre 1966 a 1971 (FERNANDES, 2001).

⁴ Jornalista, advogado e professor do Liceu de Goiás e da Universidade Federal de Goiás, foi eleito deputado estadual em 1935 pelo Partido Democrático, atuando contra o projeto de poder de Ludovico de mudança da capital estadual e sendo preso acusado de conspiração comunista. Ingressou no DASP na capital federal, por meio de concurso público, permanecendo no cargo durante todo o Estado Novo. Foi eleito senador pela UDN em 1947 e deputado federal pelo PSP em 1958 e 1962 e nomeado ministro da justiça em 1961 (ASMAR, 1994).

⁵ Advogado e filho de Antônio Ramos Caiado, um dos maiores líderes políticos goianos da Primeira República, foi eleito deputado estadual em 1950 e deputado federal em 1954, 1958 e 1962 pela UDN. Fundou o *Diário do Oeste*, através do qual fez intensa oposição ao governo de Mauro Borges (1961-1964) (FREITAS, 2009).

⁶ Jornalista, advogado, professor de direito, escritor membro da Academia Brasileira de Letras e dono dos Diários Associados, maior conglomerado midiático da América Latina entre os anos 1930 e 1960, destacou-se como uma das figuras públicas mais influentes da História do Brasil Republicano, sendo eleito senador em 1952 (ABREU, 2001).

Popular nas eleições estaduais de 1950. Com a vitória de Ludovico nessas eleições, a *Folha de Goiaz* volta a ser ludoviquista. Do retorno de Ludovico ao Palácio das Esmeraldas em 1951 até sua ruptura com Jaime Câmara em 1963, os dois maiores periódicos de Goiás – *O Popular* e *Folha de Goiaz* – atuaram em favor do ludoviquismo.

Enquanto os diretores da *Folha de Goiaz*, após a saída de Castro Costa, permaneceram apoiando o governo udeno-pessepista até o seu fim, o político Câmara Filho, compreendendo que o retorno ludoviquista era praticamente inevitável, antecipa a debandada. Com a posse de Pedro Ludovico, o *Folha de Goiaz*, que, por determinação de Chateaubriand, deveria sempre ser situacionista, torna-se pessedista. Porém, por ser pessedista desde a época da campanha eleitoral, na qual desempenhou importantíssima atuação, *O Popular* seria melhor recompensado que o *Folha de Goiaz*. Ou seja: a estratégia dos Câmara até poderia ser mais arriscada, no entanto, propiciou maior rentabilidade.

Esses dois padrões de atuação se mantiveram durante todo o período estudado e se constituíram pelo fato de Chateaubriand se encontrar distante da política goiana enquanto Câmara Filho e Jaime Câmara estavam mergulhados em sua trama. Logo, os diretores da *Folha de Goiaz* eram apenas gestores, enquanto que os de *O Popular* eram gestores e políticos de carreira. Essa diferença foi crucial para os rumos que os dois periódicos tomaram, de modo que *O Popular*, por possuir diretores e proprietários protagonistas do jogo político estadual, tinha um leque de atuação mais limitado, estando preso ao conjunto de alianças, conflitos e cisões. Daí vem as alcunhas *Folha de Mercenários* e *O Politiqueiro*: enquanto

os diretores da *Folha de Goiaz* deveriam analisar se falar mal de determinada autoridade traria retorno financeiro, Câmara Filho e Jaime Câmara, além deste cuidado, teriam a preocupação em descobrir se tal autoridade não seria um aliado político e, em caso negativo, se não seria vantajoso se um dia viesse a se tornar um.

3. Produção de hegemonia

Além das atuações políticas, *O Popular* e *Folha de Goiaz* se destacaram por terem se tornado os primeiros periódicos noticiosos de sucesso em Goiás. Os periódicos que eram órgãos oficiais de prefeituras e do Estado, responsáveis por comunicar aos cidadãos a realização de medidas administrativas, e os periódicos que representavam algum movimento ou organização da sociedade goiana jamais poderiam atingir números tão expressivos quanto os de *O Popular* e *Folha de Goiaz*, pois seus conteúdos despertavam o interesse de apenas uma parcela da população. O principal objetivo desses periódicos era tornar público as ideias, os posicionamentos e as ações de um determinado grupo ou instituição. Quando vendiam – e não distribuíam gratuitamente – seus exemplares ou espaços publicitários em suas páginas, pretendiam apenas cobrir os gastos que tiveram com suas respectivas produções.

3.1. O modelo jornalístico-empresarial

Já os periódicos tidos como noticiosos e independentes não possuíam limitações predefinidas em seu escopo. Além de noticiarem, inclusive, as mesmas coisas que os demais, como, por exemplo, um despacho governamental, uma reivindicação sindical ou uma manifestação artística, ainda poderiam criar, como muitos o fizeram, novos tipos de notícias, cada vez mais seccionadas em colunas, tais como as

femininas, infantis, policiais, políticas, classificados, esportivas e até sobre frivolidades acerca do cotidiano da elite goiana. Essa liberdade fazia de seus exemplares objetos de interesse, se não de todos, da maioria dos goianos; tornando-os ferramentas eficazes na produção de *hegemonia* (GRAMSCI, 2000). Ademais, atendiam aos anseios das empresas que produziam e vendiam esses periódicos seguindo um modelo mercadológico iniciado na Europa durante o século XIX e recém-implantado no Brasil (SODRÉ, 1977): o da fabricação de conteúdos em larga escala visando, principalmente, a obtenção de lucro.

3.2. O pioneirismo goianiense

Após a realização desse primeiro recorte, resta-nos, então, saber: o que diferenciava *O Popular* e *Folha de Goiaz* dos demais periódicos considerados noticiosos e independentes? Dentre tais periódicos, a grande maioria atuou, assim como *O Popular* e *Folha de Goiaz*, sistematicamente em favor de Pedro Ludovico durante o Estado Novo, cuja censura proibia críticas ao regime e aos seus representantes, mas não os obrigava a elogiá-los. Porém, poucos empreendedores ousaram se mudar para a recém-inaugurada Goiânia e arriscar seus investimentos numa cidade que ainda estava em construção, como os proprietários de *O Popular* e *Folha de Goiaz* o fizeram.

Além de ter proporcionado um retorno financeiro sem precedentes, visto que o crescimento da nova capital estadual superou até as expectativas mais otimistas, tal escolha teria sido recompensada pelo interventor: o crescimento de Goiânia, o sucesso mercadológico de *O Popular* e *Folha de Goiaz* e o aumento do poder de Pedro

Ludovico foram fatores que se retroalimentaram (NASCIMENTO, 2016). Esses fatores explicariam a expansão desproporcional desses periódicos se comparada ao tímido crescimento de periódicos tradicionalmente reconhecidos que atuavam em outros municípios goianos, como *O Social*, que nessa época ainda era um órgão independente, *O Anápolis*, *Cidade de Goiaz* e *O Ipameri*.

3.3. O reordenamento ludoviquista

No levantamento feito por Oscar Sabino Júnior (ASSOCIAÇÃO GOIANA DE IMPRENSA, 1980), encontramos referências a outros periódicos “noticiosos” e “independentes” fundados em Goiânia no mesmo período – ou até antes – que *O Popular*, fundado em 1938, e *Folha de Goiaz*, fundado em 1939: *Goiaz Jornal*, de 1938, *Jornal de Goiânia*, de 1936, *Goiânia*, fundado no mês de novembro de 1935, e o pioneiro *Nova Goiaz*, fundado em junho de 1935. Entretanto, estes eram dirigidos por figuras públicas de elevado prestígio no cenário político goiano e próximas ao interventor Pedro Ludovico e, portanto, já haviam sido fechados na virada para a década de 1940, pois seus diretores tiveram que se dedicar aos expressivos cargos que passaram a ocupar no governo, a exemplo do diretor do *Goiaz Jornal*, Albatênio de Caiado Godoy, que foi nomeado Secretário Estadual de Segurança Pública, e do diretor do *Jornal de Goiânia*, Venerando de Freitas Borges, que foi nomeado prefeito de Goiânia.

Do reordenamento orquestrado por Pedro Ludovico, restaram apenas *O Popular* e *Folha de Goiaz*. O primeiro era dirigido por Joaquim Câmara Filho, que, apesar de ter sido nomeado diretor do Departamento de Propaganda e Expansão Econômica (DPEE), manteve

o periódico em pleno funcionamento ao cuidar apenas do conteúdo e deixar o restante ser administrado pelo seu irmão e sócio Jaime Câmara. O segundo era dirigido pelo então jovem e desconhecido Gerson de Castro Costa, que atendeu ao chamado do interventor para promover Goiânia. Favorecidos pela censura do Estado Novo, *O Popular* e *Folha de Goiaz* tornaram-se os instrumentos mais poderosos de *hegemonia* em Goiás.

4. Sociedade civil goiana

Com o processo de redemocratização iniciado em 1945, os diretórios regionais político-partidários goianos criaram seus respectivos periódicos – *O Social*, do Partido Social Democrático (PSD), *Jornal do Povo*, da União Democrática Nacional (UDN), *O Debate*, do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e *Jornal de Notícias*, do Partido Social Progressista (PSP) – e investiram de tal forma que os mesmos ficaram atrás somente de *O Popular* e *Folha de Goiaz*.

4.1 Guerra de posições

Esses periódicos disputaram com *O Popular* e *Folha de Goiaz* um espaço de *hegemonia* nos campos político-ideológico e econômico-financeiro, apresentando linguagens e estratégias argumentativas semelhantes, provocando intensos debates, inclusive com acusações e ofensas de cunho pessoal, satisfazendo, criando e desenvolvendo as necessidades do maior número possível de leitores ao seccionar suas páginas em colunas sobre política, sociedade, esportes, segurança pública, classificados, alugando seus espaços publicitários, vendendo seus exemplares e investindo em tecnologia de ponta e em tipografias localizadas nos lugares mais nobres de Goiânia.

Essa *guerra de posições* (GRAMSCI, 2000) se deu de modo mais equivalente também devido às atuações de *O Popular* e *Folha de Goiaz*, que procediam às migrações político-partidárias nos momentos decisivos de reconfiguração da arena democrático-eleitoral goiana, no intuito de atenderem aos seus próprios interesses mercadológicos. Todavia, embora tivessem obtido um relativo sucesso, esses periódicos que nasceram no calor do jogo democrático estiveram longe dos resultados alcançados por *O Popular* e *Folha de Goiaz*; pois estes, apesar de serem dirigidos por políticos e empresários com alianças político-partidárias, não representavam oficialmente um partido político, aumentando sua credibilidade junto aos leitores.

A despeito da grande quantidade de periódicos que disputavam espaços de produção de *hegemonia*⁷, a diversidade ideológica apresentada era medíocre, revelando o predomínio dos interesses das classes dominantes em Goiás – formadas por famílias aristocráticas, por integrantes da sociedade política e por capitalistas – e uma *guerra de posições* travada, fundamentalmente, entre as mesmas. Ou seja, para além dos debates político-partidários, o que esteve em jogo foi uma disputa pela posição de principal organização propagadora da ideologia burguesa.

4.2 Consolidação

Durante a primeira década do regime democrático, os periódicos que eram órgãos oficiais de partidos políticos foram sendo extintos e, ao final da década de 1950, surgiram três periódicos

⁷ Ao longo de minha pesquisa, foram catalogados 128 periódicos que funcionaram, em algum momento, no interior do recorte espaço-temporal estabelecido.

“independentes” que ameaçaram mais severamente as posições de *O Popular* e *Folha de Goiaz: Diário da Tarde*, fundado por pessedistas, *Diário do Oeste*, comprado por udenistas, e *Cinco de Março*, fundado por pessepistas. Ou seja, o grupo político que dirigia *O Social* passou a dirigir o *Jornal da Tarde*, o grupo político que dirigia o *Jornal do Povo* passou a dirigir o *Diário do Oeste* e o grupo político que dirigia o *Jornal de Notícias* passou a dirigir o *Cinco de Março*. Entretanto, os novos jornais, assim como *O Popular* e *Folha de Goiaz*, não evidenciavam em suas edições suas relações político-partidárias.

Diante dessa disputa pela construção de *hegemonia*, na qual o modelo desenvolvido pelo *O Popular* e pela *Folha de Goiaz* fora copiado pelas demais forças político-midiáticas goianas, percebemos a conclusão de um longo processo de adaptação à institucionalidade democrático-liberal-representativa implementada em 1945. Isto é, pela primeira vez na história republicana da imprensa goiana apresentou-se um cenário no qual nenhum órgão político-partidário oficial figurou entre os periódicos mais vendidos, predominando um discurso de pretensa neutralidade justificado em favor do “povo goiano”:

Hoje em dia, ninguém anda mais fora de hora pelas ruas claras ou escuras de Goiânia e seus bairros que não seja abordado por um policial. Isso é um bom sinal e o povo sabe reconhecer (*Folha de Goiaz*, 8 de janeiro de 1958).

Magnífica demonstração de regozijo do povo pela investidura dos Srs. José Feliciano Ferreira e Jaime Câmara nas chefias do Governo do Estado e do Município, respectivamente [...]. Brilhantes

solenidades assinalaram a posse desses dois homens públicos [...]. Um dia festivo para todo o povo goiano. (*O Popular*, 1º de fevereiro de 1959).

Esse quadro evidencia a preferência dos leitores goianos pelo jornal-empresa noticioso e, em última análise, revela um momento de consolidação de uma *sociedade civil* em Goiás (GRAMSCI, 2000), de modo que *O Popular* e *Folha de Goiaz* criaram uma arena específica da luta de classe.

Entretanto, foram raras as vezes em que as classes subalternas conseguiram transitar nesse novo espaço de disputa por poder, de tal forma que se inaugurou um período de complexificação e aprofundamento *hegemônico* das classes dominantes goianas (NASCIMENTO, 2016). *O Popular*, *Folha de Goiaz* e os demais periódicos que copiaram seus modelos de atuação e seus discursos buscaram esconder posições políticas situadas, naturalizando concepções que definem as fronteiras da política democrática, gestando consensos e promovendo o esvaziamento de debates que historicizam as próprias práticas democráticas estabelecidas (BIROLI, 2003).

Referências

- ABREU, Alzira Alves de (org.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.
- ARRAIS, C. P. A. **Mobilidade discursiva**. 1. ed. Goiânia: UFG, 2013. 141p.
- ASMAR, José. **Câmara Filho – O revoltoso que promoveu Goiás**. Goiânia: O Popular, 1989.
- _____. **Oposição também governa – Alfredo Nasser na política estadual e nacional**. Goiânia: Edição do autor, 1994.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**.

Tradução: Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

ASSOCIAÇÃO GOIANA DE IMPRENSA. **Imprensa goiana** – depoimentos para a sua história. Goiânia: Cerne, 1980.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer** – palavras e ação. [Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho]. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BIROLI, Flávia. **Com a corrente: modernidade, democracia e seus sentidos no jornalismo brasileiro**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 2003.

CAMPOS, Francisco Itami. A política tradicional: 1930 a 1960. In: SOUZA, Dalva Borges de (org.). **Goiás: Sociedade & Estado**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Estado Novo: Novas Histórias. In: FREITAS, Marcos César Freitas (org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. O Estado Novo: o que trouxe de novo?. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo** – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONTART, Luiz. **Velasco** – paladino do socialismo. Goiânia: Luiz Gonzaga Contart, 1995.

FERNANDES, Clever Luiz & AQUINO, Reginaldo Lima de. **A UDN e o PSD goianos**. Ensaio de história política (1945-1966). Goiânia: Kelps, 2005.

_____. **História da UDN nas eleições em Goiás (1945-1966)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, 2002.

_____. **Jalles Machado: utopia e modernidade**. Goiânia: Universidade Estadual de Goiás, 2001.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. **Poder e Paixão: a saga dos Caiado**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009. v. 2.

FOLHA DE GOIAZ (Jornal). Goiânia, GO, 8 de janeiro de 1958.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere** – volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. [Org. Carlos Nelson Coutinho;

Marco Aurélio Nogueira; Luiz Sérgio Henriques]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, vol. 2, p. 218.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006.

MENDONÇA, Jales Guedes Coelho. **A invenção de Goiânia** – o outro lado da mudança. Goiânia: Editora Vieira, 2013.

NASCIMENTO, Darlos Fernandes do. **O periodismo político-partidário goiano entre 1945 e 1964**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2016.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. In: **Projeto História**. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

O POPULAR (Jornal). Goiânia, GO, 28 de setembro de 1944.

O POPULAR (Jornal). Goiânia, GO, 9 de setembro de 1945.

O POPULAR (Jornal). Goiânia, GO, 1º de fevereiro de 1959.

RIBEIRO, Lavina Madeira. **A institucionalização do jornalismo no Brasil: 1808-1964**. São Paulo: tese de doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 1998.

ROSA, Joaquim. **De Totó Caiado a Pedro Ludovico**. Goiânia: Oriente, 1980.

_____. **Por esse Goiás afora**. Goiânia: Cultura, 1974.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SOUZA, Maria do Carmo Campelo. **Estado e partidos políticos no Brasil (1930 a 1964)**. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1976.

WALSH, William Henry. **Introdução à Filosofia da História**. [Tradução: Waltensir Dutra]. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

Recebido em 2017-11-03
Publicado em 2018-03-10